

Na contramão do Norte Global: notas sobre a vanguarda brasileira nos estudos de rádio¹

Maíra Rossin Gioia de BRITO²

Valquíria Michela JOHN³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Este artigo sistematiza os resultados de uma cartografia de campo (MARTÍN-BARBERO, 2002) que norteiam a pesquisa radiofônica a partir de um levantamento exploratório nos anais dos Congressos da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação entre 2013 e 2019. O foco são os artigos apresentados no Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros. O objetivo é caracterizar o Brasil como uma das principais referências na pesquisa radiofônica, o que quebra paradigmas e vai na contramão da hegemonia do pensamento eurocêntrico presente nos demais campos do conhecimento e ainda no fluxo de informações científicas. A principal conclusão é de que os estudos radiofônicos e de mídias sonoras feitos por pesquisadores brasileiros mostram que é possível uma epistemologia a partir dos saberes e práticas do Sul, lançando luz a uma jornada intelectual que não se limita ao Norte Global (SANTOS, 2007).

PALAVRAS-CHAVE: rádio; Sul Global; Norte Global; pesquisa

Introdução

O modo como ocorrem a produção e a circulação de conhecimentos vem ganhando notoriedade nas mais variadas áreas, visto ser necessário dar visibilidade para o fluxo de informações científicas. Em meio a tal dinâmica, nos deparamos com um polo de investigação que tem o Brasil como referência: o da radiofonia, como destacam pesquisadores europeus:

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutoranda em Comunicação, na Linha de Comunicação e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), email: mairargioia@gmail.com

³ Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas. Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), email: valquiriajohn@ufpr.br

Para os pesquisadores espanhóis Fernández Sande e Gallego Pérez, ‘nos últimos anos, o Brasil está na dianteira em termos de produção científica sobre rádio’. É sintomático que o primeiro número da revista *Radio, Sound & Society*, recém-criada pela seção de rádio da *European Communication Research and Education Association* (ECREA), tenha trazido o dossiê *Latin Radio. Diversity, Innovation and Policies* com a participação de oito pesquisadores brasileiros assinando quatro dos sete artigos. (KISCHINHEVSKY *et al.*, 2017, p. 2)

A ECREA é uma sociedade constituída de estudiosos da comunicação, que se dedicam ao desenvolvimento de pesquisas e ensino superior na Europa. A entidade tem 24 seções temáticas, entre elas a *Radio Research*. A ex-presidente da ECREA e uma das editoras da revista *Radio, Sound & Society*, a pesquisadora portuguesa Madalena Oliveira, credita a notoriedade brasileira ao Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Intercom⁴. Segundo a autora, o GP foi capaz de traçar “um sólido repertório bibliográfico de referência obrigatória para inúmeros trabalhos de pós-graduação e muitos autores de língua portuguesa e espanhola” (OLIVEIRA, 2016, p. 15).

O GP se tornou um importante espaço para intercâmbio e produção de conhecimento sobre a radiofonia, como compilaram Kischinhevsky *et al.* (2017). Levantamento dos trabalhos publicados nos anais dos encontros do grupo entre 2001 e 2015 mostra que, de um total de 570, um terço tratava da história do meio, de emissoras ou personagens, 22,2% discutiam rádio local, regional ou rural, 21,2%, o radiojornalismo, e 17,1%, o rádio e a convergência.

A influência referencial culminou na criação, em 2013, do Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM), 22 anos após a criação do GP similar no Brasil. O grupo português é um dos exemplos para lançarmos um olhar reflexivo sobre como os estudos radiofônicos brasileiros e, respectivamente seus autores, estão na contramão da dominação epistemológica batizada de Norte Global (SANTOS, 2007). Dessa maneira, neste artigo lançamos uma reflexão acerca de uma das questões centrais na temática de colonialidade e do pós-colonialismo: a colonialidade do saber.

Faremos isso a partir de um escopo que nos mostra que é possível uma epistemologia do Sul, ou seja, a partir dos saberes e práticas do Sul em meio a uma jornada

⁴ <https://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-radio-e-midia-sonora>

intelectual dos pesquisadores que estão “abaixo” da linha abissal – como se uma linha radical pudesse impedir a presença do mundo globalmente (SANTOS, 2007).

Dito isso, este artigo aborda o interesse pela comunicação radiofônica apresentando uma cartografia dos estudos apresentados no Grupo de Estudo da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação, onde a pesquisa sobre o rádio está em evidência, assim como os autores brasileiros citados, conforme veremos a seguir.

Perspectivas teóricas: um olhar além das invisibilidades

A intelectual negra, psicóloga, filósofa, escritora e artista plástica, nascida em Portugal, Grada Kilomba, nos alerta no livro *Memórias da Plantação*, de 2019, sobre o racismo cotidiano a partir de narrativas autobiográficas de mulheres negras. Em meio ao contexto, Kilomba traz ainda a reflexão sobre como ocorre um epistemicídio do conhecimento gerado a partir do Sul:

Qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível. A ciência não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem acreditar. (KILOMBA, 2019, p. 53)

É como se o Sul estivesse ‘fora do mapa’. Um ponto de partida essencial desta proposta epistemológica que deixa o Sul ‘fora do mapa’ é a convicção de que todos os saberes são incompletos, condição a que não escapa a própria ciência (SANTOS; ARAÚJO; BAUMGARTEN, 2016). Nesse contexto, em torno da existência de um pensamento abissal, surge uma proposta para que haja reflexão com o objetivo de que as relações não sejam hierárquicas entre os saberes, sejam eles saberes científicos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, indígenas, entre outros). As diferenças devem ser horizontais e não verticais. Nessa linha de raciocínio é como se fossem inexistentes as propostas teóricas e metodológicas das epistemologias do Sul e elas se constituíssem em zonas periféricas acéfalas. O alicerce de tal pensamento é que uma linha impede a co-presença do universo.

A revolta intelectual contra essa perspectiva e contra esse modo eurocentrista de produzir conhecimento nunca esteve exatamente ausente, particularmente na América

Latina, mas apenas tomou corpo após a Segunda Guerra Mundial. Para o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, que desde o início dos anos 1990 produz trabalhos de análise sobre a temática, o preconceito colonial constitui o que ele classifica de chave para compreendermos a dificuldade que a Europa tem em aprender com o mundo. O autor é um entusiasta de um pensamento pós-abissal que possa reconectar o continente e junto com parte dos seus seguidores nos impulsiona a acreditar que uma mudança de pensamento é possível.

Convictos de que não precisamos de alternativas, mas de um pensamento alternativo de alternativas, as autoras e autores buscam o mundo fora do mapa, perseguindo aprendizagens, experiências e práticas que dilatam o presente e substituam o pessimismo atual por um futuro com esperança. (SANTOS; ARAÚJO; BAUMGARTEN, 2016, p. 23)

São pesquisadores que trazem reflexão de como o colonialismo, além de todas as dominações pelas quais foi marcado, foi ainda uma dominação epistemológica. Se concretizou em uma relação desigual de saber-poder que conduziu à eliminação de muitas maneiras de saber dos povos e nações colonizadas.

E, nesse ambiente, de um pensamento que permite uma reinvenção dos polos que encontramos os estudos de rádio. A internacionalização das pesquisas radiofônicas feitas no Brasil provocou a realização de trabalhos sistemáticos e inspirou a criação, inclusive, do Grupo de Estudo da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação, como citado na seção anterior. Importante destacar que os estudos de rádio começaram tardiamente no âmbito acadêmico e científico, mas em poucas décadas assumiram uma posição de destaque nos estudos de Comunicação:

Se o início dos seus estudos foi tardio, negligenciado pelo mundo acadêmico, o rádio passou a ser o centro de uma nova realidade em que despertou o interesse das ciências sociais. O rádio, como subárea de estudo da comunicação era teoricamente incipiente, precário, carente de reflexão crítica e análise. Hoje, o rádio, é, inegavelmente, um objeto de estudo fundamental para os estudos de comunicação. (MAIA, 2019, p. 112)

Dentre os objetivos gerais do Grupo de Estudo da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação estão: criar uma comunidade nacional de investigadores no domínio da rádio, promover relações de cooperação com alguns grupos internacionais,

constituir equipes de trabalho para o desenvolvimento de projetos de impacto científico e social, desenvolver investigação original e relevante. E entre os objetivos mais específicos, o grupo pretende desenvolver as seguintes ações: celebrar o Dia Mundial do Rádio (13 de fevereiro) e criar uma rede de cooperação com outros investigadores.

Para isso é preciso, primeiramente, entender o contexto de criação do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Intercom, conhecido pela regularidade de produção, quantidade de publicações coletivas e atuação colaborativa. Foi criado em meio a mola propulsora do início de uma efetiva produção e publicação de estudos do meio no país.

Dessa maneira, ao longo de sua história, o Grupo de Rádio e Mídia Sonora da Intercom tornou-se protagonista na construção do campo acadêmico do rádio no Brasil e ampliou suas finalidades, incorporando outros desafios, como o de refletir as especificidades do seu objeto de estudo inserido no campo da Comunicação. Focado neste e em outros objetivos, o grupo “veio tornar-se o maior e mais importante polo de investigação e referência sobre radiofonia do país. Ao conseguir catalisar e formar extensa rede de estudiosos do rádio, tecida para realizar a fundamental tarefa de fazer (MAIA, 2019, p. 121).

Importante destacar que, além de lançar um olhar para uma rede que executa pesquisa com um diálogo mais ao Sul, este artigo também coloca em pauta outra invisibilidade: a do próprio rádio em meio ao contexto científico. Em sua tese de doutorado, Eduardo Meditsch (2007) trouxe um panorama da bibliografia sobre o rádio em nível mundial. A conclusão foi de que havia pouca produção de conhecimento sobre o rádio. O predomínio era de estudos de natureza técnica, com pouco espaço para uma análise mais complexa. No caso do Brasil, a situação era ainda pior. O autor conseguiu identificar apenas produção editorial incipiente. Quinze anos depois, já vislumbramos uma realidade distinta, promissora e que atravessa fronteiras. Por isso é necessário refletir não só sobre o meio rádio, mas principalmente sobre seus pesquisadores:

[...] um meio inquieto que, ao longo de sua história passa por diferentes mudanças e adaptações. Faz-se então necessário refletir sobre os paradigmas que amparam nosso pensamento [...], os pesquisadores mais uma vez atenderam ao desafio e buscaram os teóricos que pensam o rádio. Que teorias este meio é capaz de provocar e quais os teóricos que vêm dando ao rádio este *status* acadêmico, são algumas questões desta obra que busca também verificar a contribuição destes mesmos

autores para pensar o rádio na contemporaneidade. (CUNHA, 2005, p. 13)

O apagão científico é ainda mais significativo em Portugal. Em artigo publicado em 2015, a pesquisadora portuguesa Madalena Oliveira, do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, apresentou uma cartografia desse veículo, considerado por ela, de presença popular, porém discreta no mundo acadêmico.

Na década de 1970, Ángela Faus Belau, considerou-o um meio desconhecido (1981). Vinte anos depois, Edward Pease e Everette Dennis ainda falavam da rádio com um meio esquecido. Para os autores, como o ar, também o rádio está aí, sendo parte da paisagem mediática e social, mas raramente reconhecido ou notado (1995). (OLIVEIRA, 2015, p. 239)

A autora destaca que só em 1997 foi apresentada a primeira tese de doutoramento sobre rádio numa universidade portuguesa. Na época da publicação do artigo, passados 18 anos, seriam concluídas 12 teses, segundo a autora. Outro destaque é para a então inexistência, em Portugal, de uma revista científica dedicada aos meios sonoros, fazendo com que os pesquisadores portugueses encontrassem espaço nas publicações brasileiras, como a antiga Rádio-Leituras, atual Radiofonias⁵, publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto e do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (Conjor), e a Revista Sonora⁶, editada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e dedicada à publicação de trabalhos tecnológicos e aplicações sonoras.

Veremos a seguir que, apesar das dificuldades, os estudos de rádio, especialmente aqueles feitos por brasileiros, contribuem para a construção de um pensamento pós-abissal e referenciam pesquisadores de nacionalidade brasileira tornando possível um pensamento a partir do Sul.

Perspectivas e análise: o que se pesquisa

⁵ <https://periodicos.ufop.br/radiofonias>

⁶ <https://www.iar.unicamp.br/revista-sonora/>

Com o objetivo de cartografar, realizou-se o levantamento exploratório nos anais dos Congressos da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação⁷ desde sua constituição, em 2013, até a edição realizada em 2019, totalizando quatro. As informações são extraídas de consultas no site da entidade, onde foi realizado o levantamento da quantidade de artigos científicos produzidos.

O corpus delimitado, dentro do Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros, totalizou 21 trabalhos. O objetivo foi traçar uma cartografia do campo (MARTÍN-BARBERO, 2002) ao organizar um mapa capaz de balizar a análise. Consideramos aqui que na área da Comunicação há uma pluralidade grande no uso da cartografia, sendo aceitável o termo em uma diversidade de estudos:

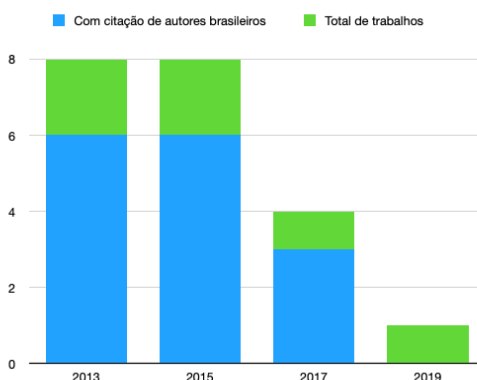
Assim, cartografia aparece como sinônimo de mapeamento, levantamento de dados ou pesquisa exploratória (...) Outros autores a empregam como compilação de dados, ou seja, um modo de apresentar as informações coletadas ao final do trabalho, após o desenvolvimento de um conjunto de procedimentos metodológicos. Por fim, há um grupo que prefere usá-la para a análise de um corpus e tem aqueles que entendem ser conveniente aplicá-la para coletar dados de coletivos humanos. (ROSÁRIO, 2016, p.178)

Dessa maneira, foram estabelecidas categorias para trilhar o trabalho empírico. Os *papers* foram analisados a partir de duas categorias: nacionalidades dos pesquisadores (autores dos artigos) e citação de autores brasileiros nas referências bibliográficas dos artigos. Para a categorização foram levados em consideração os resumos e as referências bibliográficas e, quando necessário, incluída a leitura do *paper*.

Quase 73% (72,7%) dos 21 trabalhos citaram ao menos um autor brasileiro, ou seja, 16 deles, conforme a Figura 1. O dado corrobora com os pesquisadores espanhóis Fernández Sande e Gallego Péres (2016) de que os autores brasileiros estão em evidência em termos de produção científica sobre o rádio. O dado também contribui para tensionar, tendo como base o escopo citado – estudos de rádio específicos do Grupo de Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação -, a afirmação de Grada Kilomba (2019) de que qualquer conhecimento gerado a partir do Sul tem sido de maneira sistemicamente rejeitado sob o argumento de não constituir ciência credível.

Figura 1. Percentual de trabalhos que citam autores brasileiros

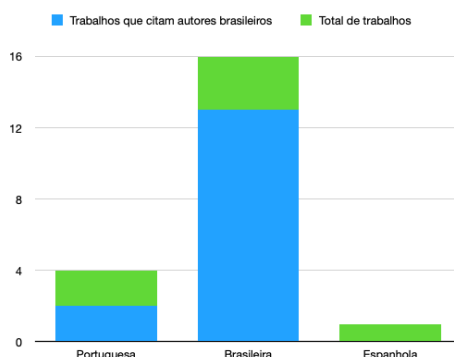
⁷ <https://sopcom.pt>



Importante notar que entre os trabalhos que citam autores brasileiros estão artigos, em sua maioria, elaborados por brasileiros, constituindo 81,25% do total (13 artigos). Os portugueses aparecem na sequência formando 12,5% do total (2 artigos). Por fim, 6,25% (1 artigo) do total são constituídos por estudo de pesquisador espanhol, conforme elencado na Figura 2.

O fato de termos pesquisadores portugueses e espanhóis dentre aqueles que citam autores brasileiros confirma que o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que deu base para o comitê português, se tornou um celeiro de repertório bibliográfico de referência em trabalhos de pós-graduação e de muitos autores de língua portuguesa e espanhola (OLIVEIRA, 2016).

Figura 2. Nacionalidades dos pesquisadores nas quatro edições



Os autores brasileiros que são referenciados compõem um grupo com mais de 20 nomes. São eles: Álvaro Bufarah, André Barbosa Filho, Antonio Adami, Clóvis Reis, Debora Lopez, Doris Fagundes Haussem, Eduardo Meditsch, Gisela Ortriwano, Ivana Bentes, Izani Mustafá, Janete Haouli, Lena Benzecry, Lillian Zarembo, Luciano

Klockner, Luiz Artur Ferrareto, Luiz Carlos Saroldi, Marcelo Kischnevisky, Nair Prata, Nélia Del Bianco, Rachel Neuberger, Rodrigo Tavares, Sonia Virgínia Moreira e Valci Zuculoto. São citados em trabalhos temáticos diversificados e alguns deles referenciados em mais de um artigo, o que corrobora com Cunha (2005) de que os pesquisadores buscaram teóricos que pensam o rádio e dando reconhecimento àqueles que dão *status* acadêmico ao meio.

Considerações Finais

Nota-se em um artigo como este que, ao menos nos estudos de rádio e no recorte científico nele delimitado, há uma corrente que nos mostra um caminho capaz de romper com invisibilidades. O espaço conquistado pelos pesquisadores brasileiros em publicações nos Congressos da Sociedade Portuguesa da Ciência da Comunicação mostra a vanguarda do Brasil nos estudos do rádio. E mais do que isso: coloca os autores brasileiros em evidência, mostrando que a produção brasileira construiu um repertório bibliográfico.

Por outro lado, necessário reforçar que o estudo considerou apenas o fluxo criado nas pesquisas de um recorte específico. Por isso, são necessários outros atravessamentos para ampliar as considerações acerca da notoriedade conquistada pelos pesquisadores brasileiros, aqui elencados como pesquisadores do Sul. De qualquer forma, a análise feita nos mostra, preliminarmente, que é possível um diálogo mais ao Sul, que estabelece que as diferenças devem ser horizontais e não verticais.

Por fim, importante considerar que, ao menos nos estudos radiofônicos que emergem do Brasil, talvez estejamos diante de um suspiro necessário para acreditarmos que é possível a Europa aprender com o mundo, como pontuou Santos (2007) e, neste caso específico, em um trânsito interessante da ex-colônia ao colonizador.

Referências bibliográficas

CUNHA, Máгда. Prefácio. *In*: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis, SC: Insular, 2005. v. 1

FERNÁNDEZ-SANDE, M.; GALLEGO PÉREZ, I. Diversity, innovation and policies. **Radio, Sound & Society Journal**, n. 1, v. 1, p. 7-9, Ecrea Radio Research Section, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo *et al.* A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI – Chaves conceituais e objetos de pesquisa. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comum**, São Paulo, SP. v. 40, n. 3., set./dez. 2017.

MAIA, Mauro Celso Feitosa. O que é rádio: perspectivas teóricas na pesquisa em Comunicação. 2019. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

OLIVEIRA, Madalena. Entre a paixão dos profissionais e a discrição dos acadêmicos. In: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ; Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Estudos Radiofônicos no Brasil: 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom em perspectiva**. São Paulo: Intercom, 2016.

OLIVEIRA, Madalena. **Som em frequência moderada: cartografia dos Estudos de Rádio em Portugal**. 2015.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Cartografia na comunicação: questões de método e desafios metodológicos. In: MOURA, Cláudia Peixoto; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Orgs.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

SANTOS, B. de S. **Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**, *Novos estud. – CEBRAP* n. 79 São Paulo, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>. Acesso em 16 de junho de 2023.

SANTOS, B. de S.; ARAÚJO, S.; BAUMGARTEN, M. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. **Sociologias**, [S. l.], v. 18, n. 43, 2016. DOI: 10.1590/15174522-018004301. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/68312>. Acesso em: 13 ago. 2022.